

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 10 • 2001/2002



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2001/2002

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 10 • 2001/2002 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Europress, Lda. – Tel. 21 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

PRESENÇA DO GÉNERO *CONUS* sp. NO NEOLÍTICO OU CALCOLÍTICO DA ESTREMADURA PORTUGUESA

João Luís Cardoso¹ & António Guerreiro

1 – INTRODUÇÃO

A presença do género *Conus* sp. foi identificada por um de nós (J.L.C.) nas colecções de Arqueologia do Museu do Instituto Geológico e Mineiro, na companhia do Amigo saudoso O. da Veiga Ferreira, a quem devemos as facilidades que permitiram o desenho dos materiais ora publicados. Trata-se de peças oriundas da gruta das Fontainhas (serra de Montejunto, Cadaval) e das grutas de Poço Velho (Cascais), utilizadas pelo homem pré-histórico, cujo presença e significado, até o presente, ainda não tinham sido devidamente valorizados, no âmbito das relações culturais e comerciais estabelecidas entre as populações estremenhas e o litoral algarvio e marroquino, apesar de tais materiais se encontrarem expostos ao público há mais de um século, no referido Museu.

2 – CONDIÇÕES DE JAZIDA E TAXONOMIA DOS EXEMPLARES

2.1 – Gruta das Fontainhas (Cadaval)

A gruta das Fontainhas é uma cavidade cársica existente na serra de Montejunto, cujo tecto abateu em época indeterminada. No século XIX foi objecto de explorações por ordem de Carlos Ribeiro, pouco antes da realização em Lisboa, em Setembro de 1880, da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas. O espólio exumado mostra que a gruta, provavelmente já então com o tecto abatido, funcionou como “armadilha” onde caíram numerosos animais, ou para onde foram arrastados os seus restos, no decurso da parte final da última glaciação (CARDOSO, 1993).

¹ Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta, Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

A presença humana encontra-se documentada, através da tipologia de numeroso espólio arqueológico recolhido, desde o Neolítico Antigo ou de “tradição antiga” à Idade do Bronze, passando pelo Calcolítico Pleno e pelo período Campaniforme. Tendo presente a frequência relativa dos materiais reportáveis a cada um daquelas etapas cronológico-culturais, parece que as peças atribuíveis ao Neolítico Final são maioritárias, tendo presentes a abundância de lâminas de sílex (com e sem retoques), os machados e as enxós de pedra polida (GONÇALVES, 1990/1992). Será, pois, a esta etapa que se deverá reportar, com maior probabilidade, a peça que será objecto particular deste estudo.

Trata-se de concha de gastrópode do género *Conus*, com 102 mm de comprimento. A respectiva diagnose, efectuada por um de nós (A. G.) é a seguinte:

Conus pulcher Lightfoot, 1786
= *C. papylionaceus* Hwass, in Bruguière, 1792
= *C. prometheus* Hwass, in Bruguière, 1792

Descrição (Fig. 1, nº. 1)

Concha particularmente espessa nos exemplares adultos, composta por 10 voltas de espira, baixa e plana. Apex ligeiramente saliente. Sutura bem marcada. Ombro saliente anguloso ou sub-anguloso a arredondado. Lados de perfil quase plano. Abertura ligeiramente encurvada em direcção à base. Esta mostra-se ligeiramente rostrada, com cerca de 10 pequenos cordões espirais decorrentes posteriores, pouco conspícuos. Lábio fino um pouco curvado para dentro na parte superior da abertura e mais direito no sentido da base.

A ornamentação é muito variável: algumas séries de pontos ou manchas castanhas-creme contra um fundo branco, formando um número variável de bandas espirais, entre 15 a 20. Este padrão é constante em exemplares juvenis. Nos adultos são, por vezes, visíveis pontos muito maiores com distribuição irregular em toda a superfície.

Distribuição

Na actualidade, *C. pulcher* distribui-se das ilhas Canárias a Angola.

Ecologia

C. pulcher é endobêntico, utilizador dos substratos lodosos finos do médio e infralitoral desde os -2 m aos -20/30 m. Na base da sua alimentação estão os Nereídeos, os quais imobiliza com a rádula tóxica e engole sem mastigação. Raramente captura pequenos peixes bentónicos.

Torna-se progressivamente mais raro para Norte, até ao sul de Marrocos; atinge cerca de 70 mm na Canárias, mas, no Senegal pode chegar aos 140 mm e, ainda mais para sul, em Angola, exceder os 200 mm.

Discussão

Durante muito tempo, os pequenos exemplares desta espécie foram designados por *C. papylionaceus* e os grandes por *C. prometheus*. O único critério usado para tal separação baseava-se na ornamentação. Porém, nada

sugere que se esteja perante espécies distintas: ambos os *taxa* devem considerar-se sinónimos de *C. pulcher* Ligtfoot, 1786. Esta conclusão é extensiva a *C. byssinus*, cujo canal anal é absolutamente semelhante ao de *C. pulcher*, representando, simplesmente uma população do limite setentrional da distribuição geográfica espécie (ilhas Canárias).

C. pulcher encontra-se actualmente confinado desde as Canárias e sul de Marrocos a Angola. No nosso País, a presença de grandes espécies de *Conus* sp. foram assinaladas no Miocénico superior de Cacela, mas não pertencem, segundo verificou um de nós (A.G.), a esta espécie (COSTA, 1866; CHAVAN, 1940). A extraordinária conservação de alguns dos exemplares de Cacela, que nalguns casos exibem, ainda que muito esbatidas, as colorações originais da concha, poderiam justificar a possibilidade da peça em estudo corresponder a reaproveitamento de fóssil terciário; mas a total ausência de sedimento, mesmo nas partes mais recônditas da concha, como, sobretudo, a falta desta espécie em Cacela, conduzem a afastar tal hipótese. Por maioria de razão, é de eliminar a alternativa de o exemplar em estudo corresponder a uma recolha de fóssil nos afloramentos miocénicos da zona de Lisboa ou da serra da Arrábida; com efeito, embora o género *Conus* sp. tenha sido identificado em ambas as regiões, nem as espécies presentes correspondem, nem o tipo de fossilização é susceptível de suportar tal possibilidade (BOURCART & ZBYSZEWSKI, 1940).

Enfim, os cordões lumachélicos quaternários, identificados ao longo do litoral meridional da Arrábida não continham qualquer representante do género *Conus* sp. (CHOFFAT & DOLLFUS, 1904/1905), pelo que não poderão ser também considerados como origem da peça em estudo.

Em conclusão, o exemplar observado da gruta das Fontainhas deve ser atribuído a *C. pulcher*, conquanto exiba o lábio incompleto em toda a sua extensão e exiba total descoloração. A perfeita conservação da concha, bem como a ausência de preenchimento sedimentar ou a existência de concreções litoquímicas, que naturalmente deveriam observar-se nas pequenas rugosidades ou depressões produzidas por microorganismos na superfície ou indícios de mineralização da concha, afasta a hipótese de a peça corresponder a fóssil terciário, até porque esta espécie não se encontra presente em Portugal. Ao contrário, este exemplar deverá reportar-se a uma colheita na praia, de animal morto recentemente, dada a ausência de rolamento, senão mesmo apanhado vivo. Com efeito, não se reconhecem núcleos de digestão por litobactérias, nem perfuração activa de esponjas incrustantes, típica das conchas de moluscos abandonadas em condições costeiras.

A ser assim, a sua presença na gruta das Fontainhas, tendo presente a distribuição geográfica actual, indicará origem litoral norte-africana, sendo, por conseguinte, um indicador válido para documentar as relações existentes no na Pré-História – e, provavelmente, no Neolítico Final – entre aquela área geográfica e a Estremadura portuguesa.

2.2 – Grutas do Poço Velho (Cascais)

Estas cavidades cársticas, actualmente situadas em plena área urbana da cidade de Cascais, foram exploradas, tal como a gruta antecedente, pouco antes do Congresso de Lisboa, de 1880, por iniciativa de Carlos Ribeiro, que delas apresentou então sumária notícia, acompanhada de minuciosa planta (RIBEIRO, 1884); mas os materiais então exumados só foram estudados muito mais tarde (PAÇO, 1942). As escavações foram

pontualmente retomadas, em 1946/1947, das quais resultou a recolha de novos e importantes materiais arqueológicos (PAÇO, BÁRTHOLO & BRANDÃO, 1959). Mais tarde, O. da Veiga Ferreira identificou algumas peças de sílex, do Paleolítico Superior, com destaque para uma bela ponta de loureiro, estreita e muito alongada.

O restante espólio é dominado pelos materiais que, no Neolítico Final e no Calcolítico acompanharam as tumulações ali efectuadas, embora ocorram materiais mais antigos, presumivelmente do Neolítico Antigo, entre os quais um fragmento de vaso decorado (PAÇO, 1941, Est. 29, b) e mais modernos, da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, objecto de estudo recente (CARREIRA, 1990/1992).

Tendo presente a tipologia da totalidade do espólio recolhido, é fácil concluir que a ocupação mais relevante, tanto pela abundância como pela qualidade e variedade dos materiais remonta ao Neolítico Final. É, pois, a esta fase cronológico-cultural que devem reportar-se as duas peças ora estudadas.

Trata-se de duas conchas da espécie *Conus mediterraneus* Hwass, in Bruguière, 1792, recolhidas nas escavações de 1879, partidas na zona apical, de modo a permitirem a passagem de uma fibra; teriam, deste modo, sido utilizadas como elementos de colar, hipótese reforçada pelo ténue uso e boleamento que possuem. Nas escavações mais recentes, recolheu-se, pelo menos, mais um exemplar, não observado.

Descrição (Fig. 1, nº. 2 e 3)

Concha pouco brilhante, composta por 9 a 10 voltas da espira. Sutura bem marcada, por vezes fortemente escalonada. Ombro largo e arredondado a sub-arredondado. Possui cerca de 10 cordões decorrentes pouco conspícuos na base. Perfil do lábio pouco encurvado, ligeiramente convexo nos topos. A cor é amarelo-esverdeada, com alguns pontos brancos muito variáveis na forma. Estes pontos normalmente seguem um padrão em zig-zag, formando bandas mais ou menos regulares sobre toda a extensão da última volta. A espira é por vezes branca, apresentando algumas manchas castanhas com distribuição variável.

Dimensões

O comprimento total da concha varia normalmente entre 20 e 30 mm, atingindo os 40 mm, ou pouco mais.

Ecologia

C. mediterraneus vive nos fundos brandos com pedra, fortemente povoados de algas, desde o mediolitoral até cerca de 15 m de profundidade.

Distribuição

Esta espécie distribui-se actualmente ao longo de todo o Mediterrâneo e, para Norte, até à ria de Vigo; para Sul, atinge o Senegal. Na costa portuguesa, esta espécie encontra-se limitada na actualidade à Ria Formosa, sendo escassos os exemplares recolhidos fora dessa zona algarvia.

Discussão

A presença em Portugal de contas de conchas de *C. mediterraneus* encontra-se limitada, no que à Pré-História diz respeito, tanto quanto é de nosso conhecimento, às grutas do Poço Velho e à gruta de Ibn-Amar,

Mexilhoeira da Carregação (Lagoa), onde se recolheu pelo menos um exemplar, transformado em conta (COSTA, 1971). Porém, não é possível atribuir estes últimos exemplares a uma época específica, à falta de indicações dadas pelo autor citado, que colaborou na exploração da gruta. A análise directa dos materiais exumados, permitiu verificar que a gruta foi ocupada recorrentemente no decurso da Pré-História e de épocas ulteriores, com especial destaque no Neolítico Antigo e, menos intensamente, na Idade do Bronze, conforme se conclui dos respectivos materiais exumados (GOMES, CARDOSO & ALVES, 1995). Atendendo à existência da espécie na própria região onde se abrem as grutas, não será necessário recorrer ao comércio ou permutas de longa distância para explicar a ocorrência destes exemplares. Ao contrário, estranha-se que contas desta espécie não ocorram com mais abundância na importante necrópole calcolítica de Alcalar (Portimão), nem nos numerosos sepulcros pré-históricos algarvios; ao menos, não foi registada pelos sucessivos investigadores que sobre os mesmos se debruçaram.

Tal como no exemplar da gruta das Fontainhas, é de afastar, em qualquer dos casos, a hipótese de se tratar de reutilização de exemplares fósseis, tal o estado de frescura da concha.

A presença, nas grutas do Poço Velho, de um número de exemplares não inferior a três, conduz à hipótese de, por razões que nos ultrapassam, terem os indivíduos ali tumulados, estabelecido relações especiais com o litoral algarvio. Tais relações não seriam, naturalmente, frequentes nem contínuas: com efeito, bastaria contacto esporádico, eventualmente devido a apenas um único indivíduo, para explicar a presença destas raras conchas, utilizadas como contas de colar no Neolítico Final da Estremadura portuguesa.

3 – INTEGRAÇÃO CULTURAL

A presença de conchas de *Conus mediterraneus* intactas, ou transformadas em contas de colar, como os exemplares da gruta do Poço Velho, em contas de colar, em diversas estações calcolíticas do litoral da Andaluzia mostra a utilização desta espécie como elementos de adorno pré-históricos, à semelhança dos exemplares portugueses. Assim, nas *tholoi* de Los Millares (Almería), conhecem-se ocorrências nos monumentos 1 (1 ex.) (LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 8, 1, 9); 38 (1 ex. sem modificação) (*op. cit.*, Tf. 18, 1, 13); 17 (1 ex.) (*op. cit.*, Tf. 19, 1, 5); 20 (1 ex. sem modificação) (*op. cit.*, Tf. 21, 1, 6); 23 (1 ex. sem modificação) (*op. cit.*, Tf. 22, 4, 9); e 63 (1 ex. sem modificação) (*op. cit.*, Tf. 24, 2, 20). A maior abundância da espécie nos referidos contextos pré-históricos face aos portugueses explica-se, naturalmente, por ser também mais abundante nas respectivas biocenoses do litoral andaluz.

Por outro lado, a presença de *Conus pulcher*, reforça a existência, presumivelmente, no Neolítico Final, de contactos de cunho meridional ainda mais alargado, visto corresponder a espécie africana que, tanto quanto é de nosso conhecimento, jamais foi assinalada em qualquer estação pré-histórica peninsular. Esta circunstância confere o maior interesse ao exemplar da gruta das Fontainhas, considerado, deste modo, no âmbito dos contactos extra-peninsulares estabelecidos no Neolítico e no Calcolítico, designadamente com o litoral atlântico marroquino.

Na procura de mais indícios de tais contactos, importa valorizar a ocorrência de outro testemunho malacológico: trata-se de uma concha de *Patella* sp. oriunda do Calcolítico Inicial (?) do povoado do Pedrão,

Setúbal (SOARES & SILVA, 1975, Est. 18, n.º 237). É exemplar de contorno elipsoidal e de grandes dimensões (92 mm x 72 mm), mas com a altura de apenas 22 mm; apresenta-se cuidadosamente polida, tanto na superfície dorsal como ao longo do seu perímetro, o qual ostenta, numa das extremidades, uma protuberância obtida intencionalmente por recorte, a qual, embora fracturada, se destinava à fixação da peça num colar ou em outro adorno, possuindo talvez, na origem, um furo para suspensão. Trata-se de um exemplar igualmente único na Pré-História portuguesa, o qual não foi, até ao presente, devidamente valorizado. Embora o intenso afeiçãoamento tenha eliminado elementos de diagnose importantes, as dimensões e morfologia são compatíveis com *P. safiana* Lamarck. Esta espécie ocorre nas proximidades do Pedrão, no estado fóssil: foi, com efeito, identificada no nível lumachélico-conglomerático da paria elevada de 6 m, cerca de 200 m a SW do forte da Baralha (Azóia, Sesimbra), sobre o litoral da Arrábida (CHOFFAT & DOLLFUS, 1904/1905). Contudo, pelo seu excelente estado de conservação, este exemplar não parece ser dali oriundo, visto que o cimento endurecido que agrega aquelas conchas, impediria a extracção de uma concha em tão boas condições, como um de nós teve a ocasião de verificar pessoalmente (CARDOSO, 1994, Fig. 6): com efeito, é excepcional a existência de exemplares inteiros (o maior, das colecções do Museu do Instituto Geológico e Mineiro, atinge apenas 74 mm de comprimento) e, quando tal acontece, a concha encontra-se fortemente incrustada de sedimento, cuja eliminação provocaria invariavelmente a sua fragmentação.

É uma espécie característica de águas quentes, que não ultrapassa actualmente o litoral marroquino (CARDOSO, 1993, p. 534), não se encontrando registada nos tempos pós-glaciários em nenhum depósito ou estação pré-histórica portuguesa. Deste modo, a confirmar-se, como tudo indica, a atribuição do exemplar em causa a tal espécie, ele corresponde a mais um indício da existência de contactos, ainda que esporádicos, da área estremenha com o litoral africano no decurso do Neolítico e do Calcolítico. Este exemplar tem equivalente próximo num outro, recolhido na cripta dolménica do monumento 1 da necrópole de Alcalar cujas grandes dimensões também justificaram o destaque que lhe conferiu Estácio da Veiga (VEIGA, 1887, p. 561): “Mede a referida concha gasterópode no eixo maior 0,082 m, no transversal 0,059 e de altura maxima 0,020 mm. Mostra pois maiores dimensões do que as espécies viventes que tenho colligido no Algarve. Parece porém ter sido rolada, se é que não foi intencionalmente desgastada na secção externa mais proeminente, ou alisada pelo attrito no uso que póde ter tido, se como colhér foi utilizada nas refeições quotidianas juntamente com as muitas facas de silex que a acompanhavam”. As suas dimensões são, com efeito, claramente compatíveis com *P. safiana*.

Ao ter-se verificado a presença de conchas de origem africana no território português, servindo como elementos de adorno ou a outros usos, importa integrá-las em contexto mais amplo, de trocas e de contactos comerciais, do qual fariam, naturalmente, parte integrante. Uma das evidências mais expressivas desta realidade é a presença do marfim, em bruto ou trabalhado, em contextos pré-históricos portugueses. A sua presença é de há muito conhecida, tanto em Portugal como, sobretudo, na Andaluzia (ALMAGRO-BASCH, 1959). No concernente ao território português são, porém, evidentes as dificuldades em destrinçar quais as peças feitas verdadeiramente de marfim, especialmente as de menores dimensões, dada a semelhança de tal matéria com o osso. Sem preocupações de exaustividade – até porque tal implicava a observação directa de numerosos exemplares referidos na bibliografia dispersos por múltiplas

coleções, mencionam-se, apenas aqueles susceptíveis de corresponder, com maior probabilidade, à referida matéria-prima.

Estácio da Veiga assinalou, no Algarve, dois desses artefactos: o primeiro, provém do monumento dolménico de Nora, Cacela (VEIGA, 1886, Est. 14, n.º 10). Trata-se de objecto em calote de esfera decorada na periferia a toda a volta por motivos reticulados incisos, que pode interpretar-se como remate do cabo de um punhal, cujas afinidades mediterrâneas foram já assinaladas (ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. 188). O segundo, é um pente igualmente com decoração reticulada em toda a superfície, proveniente da *tholos* de Marcela, também pertencente à freguesia de Cacela (VEIGA, 1886, Est. 21, n.º 2). Mas, mais expressivo do abastecimento em marfim de origem certamente norte-africana – excluída a hipótese, por improvável, de se tratar de marfim fóssil, facilmente demonstrável ser incompatível com o estado de frescura e ausência de mineralização das peças em apreço – é a presença em diversos monumentos da necrópole de Alcalar, de porções de marfim não trabalhado. É o caso de peça recolhida no monumento 4, descrito por Estácio da Veiga (VEIGA, 1889, p. 213): “Era um fragmento cortado longitudinalmente de um dente de elephante: tinha por isso uma secção plana e outra convexa. O raio correspondente a esta curva mediu 0,05 m, e portanto o diametro do dente devêra ter o dobro. O único trabalho que recebeu foi o da serragem, e segundo parece estaria destinado para alguns artefactos”. Também desta notável *tholos* provém um núcleo de marfim, destacado do dente por serragem, “mui provavelmente para diversos artefactos” (VEIGA, 1889, p. 223).

As referências acima transcritas bastariam para demonstrar a existência do comércio calcolítico de marfim em bruto, ulteriormente transformado, nos locais peninsulares de destino, em diversos artefactos, ao gosto e necessidades específicas dos seus habitantes. Um de nós (J.L.C.), nas escavações realizadas em 2002 no povoado pré-histórico de Leceia, recolheu uma porção proximal de alfinete com cabeça maciça, indubitavelmente de marfim, na Camada 3, correspondente ao Calcolítico Inicial. Tal testemunho é o mais setentrional, de que se tem conhecimento, da ocorrência de marfim pré-histórico na Península Ibérica (podendo, no entanto, algumas peças publicadas por Afonso do Paço do povoado homólogo de Vila Nova de São Pedro, não observadas directamente, serem também em tal matéria-prima, (PAÇO, 1960).

A presença insistente de marfim, manufacturado ou em bruto, nos sítios algarvios referidos explica-se, pois, pela proximidade geográfica do norte de África, bem como dos mercados calcolíticos mediterrâneos: que tal comércio se estendeu à Estremadura, é-nos indicado por alguns objectos, naturalmente muito mais escassos que os reconhecidos no Algarve, com destaque para “uma grande conta de marfim”, recolhida por A. I. Marques da Costa na Gruta III da necrópole da Quinta do Anjo, Palmela (COSTA, 1907, Est. 16, n.º 386). A descrição do autor não oferece dúvida quanto à natureza da matéria-prima: “O marfim, de que é formada, está pela sua grande antiguidade a separar-se naturalmente em camadas cylindricas muito regulares, cujo eixo commum é paralelo ao da conta, mas não se confunde com elle”.

Os elementos supra referidos inscrevem-se no fluxo de objectos – sobretudo de adorno – oriundos do norte de África cuja sua presença seria, naturalmente, justificada com a permuta por materiais peninsulares coevos. A questão reside, pois, na identificação e cronologia destes últimos. O comércio pré-histórico de marfim norte-africano foi relacionado com a presença, em diversas estações litorais do Marrocos atlântico, de objectos campaniformes, com destaque para as características cerâmicas decoradas, acompanhadas de

produções metálicas igualmente características, como pontas Palmela e punhais de lingueta (POYATO HOLGADO & HERNANDO GRANDE, 1987). Contudo, se são grandes as evidências de contactos culturais comerciais, entre o litoral peninsular e o litoral marroquino, na época campaniforme, os testemunhos em períodos pré-campaniformes de tais contactos são duvidosos ou mesmo desconhecidos, não se encontrando registados na bibliografia. Assim, tanto P. Bosch-Gimpera (BOSCH-GIMPERA, 1955) como, mais tarde, A. Gilman (GILMAN, 1975), concordam com as provas materiais da presença peninsular no litoral marroquino, corporizada pelos testemunhos campaniformes, mas não indicam quaisquer outros mais antigos, compatíveis com a cronologia atribuível ao exemplar de *Conus pulcher* da gruta das Fontainhas: o Neolítico Final. O segundo dos autores referido, é conclusivo quanto a este aspecto: “We have seen that the bulk of the artifactual inventory of the Neolithic of the western Maghreb in general and of northern Morocco in particular has no significant resemblances to prehistoric materials in the Iberian peninsula. Two classes of artifacts are exceptions to this pattern. True Beaker pottery has been found at a number of prehistoric localities in the Maghreb. In addition, a number of metal artifacts, mostly found out of context, clearly resemble types of the Spanish and Portuguese Bronze Age” (*op. cit.*, p, 128). Porém, são as próprias evidências da presença campaniforme de origem peninsular no norte de África, que autorizam a admitir uma realidade comercial calcólítica pré-campaniforme: assim se explicaria a presença de marfim norte-africano em estações do litoral meridional português, acima referidas, como nas *tholoi* de Alcalar, cuja cronologia deve ser reportada a época ante-campaniforme (não obstante a falta de manifestações campaniformes “clássicas” na região correspondente, tornando mais difícil uma resposta com segurança sobre a referida anterioridade), bem como a concha de *P. safiana* no Calcolítico Inicial (?) do povoado do Pedrão.

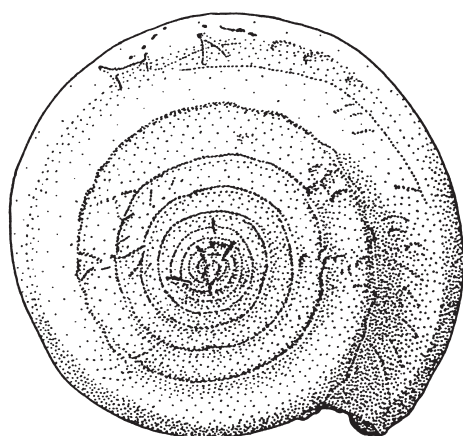
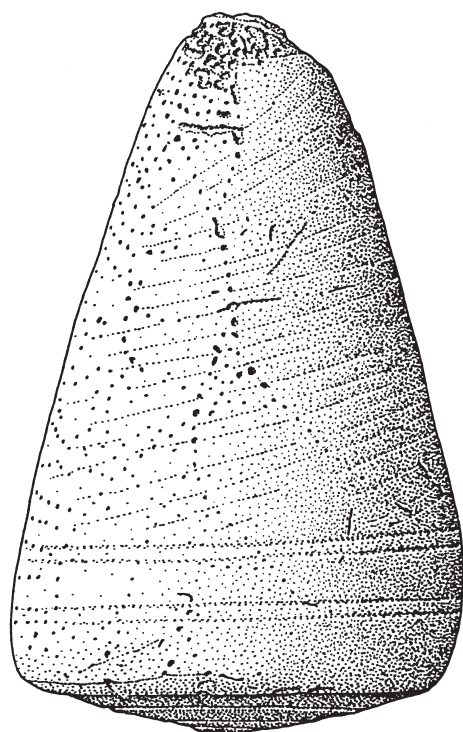
Em conclusão: os habitantes que, no Neolítico Final ou no Calcolítico ocuparam a Estremadura portuguesa, mantiveram contactos com populações que viviam tanto no litoral algarvio bem como, provavelmente, com outras, mais distantes: é essa a principal conclusão decorrente da presença de *Conus mediterraneus* nas grutas do Poço Velho (Cascais), como de *Conus pulcher* da gruta das Fontainhas (Cadaval), no qual constituirá um dos mais interessantes e expressivos testemunhos, dos contributos materiais norte-africanos no território português, provavelmente desde o Neolítico Final e plenamente afirmados no Calcolítico. A qualidade dos materiais inventariados neste estudo, todos eles conhecidos de há muito mais jamais valorizados como mereceriam, e que uma análise mais exaustiva de antigas colecções por certo aumentaria significativamente, faz crer que a relevância económica de tais contactos foi, superior àquela que, até ao presente, lhe tem sido conferida, com base nos elementos só esporadicamente reconhecidos.

BIBLIOGRAFIA

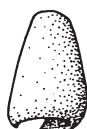
- ALMAGRO BASCH, M. (1959) – Elementos para la cronologia absoluta del Bronce I en la Península Ibérica. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 161-185.
- ALMAGRO, M. & ARRIBAS, A. (1963) – *El poblado y la necrópolis megalíticos de Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería)*. Madrid: Bibliotheca Praehistorica Hispana, 3, 475 pp.

- BOSH-GIMPERA, P. (1955) – Néo-Énéolithique espagnol et africain. *Actes du II Congrès Panafricain de Préhistoire* (Alger, 1952). Paris, pp. 503-508.
- BOURCART, J. & ZBYSZEWSKI, G. (1940) – La faune de Cacela en Algarve. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 21, pp. 3-60.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 567 pp.
- CARDOSO, J. L. (1994) – O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural*. Sesimbra. 4, pp. 5-12.
- CARREIRA, J. R. (1990/1992) – As ocupações das Idades do Bronze e do Ferro das grutas do Poço Velho (Cascais). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 8/10, pp. 229-245.
- CHAVAN, A. (1940) – Les fossiles du Miocène supérieur de Cacela. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 21, pp. 61-106.
- CHOFFAT, P. & DOLLFUS, G. F. (1904/1905) – Quelques cordons littoraux du Pleistocène du Portugal. *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*. Lisboa. 6 (1), pp. 158-173.
- COSTA, F. A. Pereira da (1866) – *Gasteropodes dos depositos terciarios de Portugal*. Lisboa: Comissão Geologica de Portugal, 252 pp.
- COSTA, A. I. Marques da (1907) – Estações prehistoricas dos arredores de Setubal. *O Archeologo Português*. Lisboa. 12, pp. 206-217 e 320-338.
- COSTA, J. P. da (1971) – Estudo da fauna malacológica no espólio da gruta natural de Ibne Amar. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. 2, pp. 599-616.
- GILMAN, A. (1975) – *A Later Prehistory of Tangier Morocco*. American School of Prehistoric Research. Peabody Museum. Harvard University, 181 pp. (Bulletin 29).
- GOMES, M. V.; CARDOSO, J. L. & ALVES, F. (1995) – *Levantamento arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*. Lagoa: Câmara Municipal de Lagoa, 108 pp.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Erster Teil: Der Süden*. Tafelband. Berlin: Walter de Gruyter & Co. (Römische-Germanische Forschungen, Band 17).
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 22, pp. 45-84.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11, pp. 105-117.
- PAÇO, A. do; BÁRTHOLO, M. L. & BRANDÃO, A. (1959) – Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. 1, pp. 147-157.

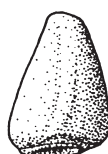
- POYATO HOLGADO, C. & HERNANDO GRANDE, A. (1988) – Relaciones entre la península Ibérica y el norte de África: “marfil y campaniforme”. *Congreso Internacional “El Estrecho de Gibraltar”* (Ceuta, 1987). Madrid: UNED, 1, pp. 317-329.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 1, pp. 53-153.
- VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886/1891) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve. Tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional. 4 vols.



1



2



3

Fig. 1 – 1 – *Conus pulcher* LIGHTFOOT, 1786 da gruta das Fontainhas (Cadaval); 2 e 3 – *Conus mediterraneus* HWASS, in BRUGUIÈRE, 1792, utilizados como contas de colar das grutas do Poço Velho (Cascais).